

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL IV



EDITORA
ARTEMIS

2022

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL IV



EDITORA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato, México*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, *Universidade de Brasília-DF*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, *Universidade Estadual do Ceará*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*



Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla – La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES – Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências socialmente aplicáveis [livro eletrônico] : integrando saberes e abrindo caminhos: vol. IV / Organizadores Jorge José Martins Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-59-0

DOI 10.37572/EdArt_290522590

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I. Rodrigues, Jorge José Martins. II. Marques, Maria Amélia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

O livro que ora se encontra nas vossas mãos, no seu quarto volume, é por tradição um livro de temática interdisciplinar e transdisciplinar no campo das ciências sociais aplicadas. É interdisciplinar porque cruza várias disciplinas do saber. A sua transdisciplinaridade fica a dever-se aos múltiplos campos do conhecimento abrangidos, com os trabalhos apresentados a inserirem-se em temáticas emergentes nos vários campos científicos.

A metodologia seguida na organização deste volume, podendo ser discutível, privilegiou os conteúdos dos artigos, o que originou um macro título Sociedade-Cidadão-Ambiente, abrangendo os eixos temáticos: Sociedade, cultura e turismo, Cidadania, saúde e bem-estar, Recursos energéticos e sustentabilidade ambiental. Na construção da estrutura de cada um destes eixos procurou-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo seguinte, gerando-se um fluxo de conhecimento acumulado que se pretende fluido e em espiral crescente.

Assim, o eixo Sociedade, cultura e turismo é constituído por oito artigos que revelam preocupações holísticas com o planeta Terra. A interdependência financeira das economias desenvolvidas mostra como as liberdades individuais, fruto de redes de relações nem sempre perceptíveis, as quais hipotecam os recursos da sociedade, se nada for feito, podem ter efeitos devastadores nas comunidades locais. Contudo, se o desenvolvimento económico for enquadrado por um planeamento estratégico que congregue os interesses e expectativas dos diferentes *stakeholders*, toda a comunidade poderá sair a ganhar. O desenvolvimento e crescimento turístico com base nos costumes e tradições locais, pode contribuir para o desenvolvimento sustentável dos territórios, pois atrai mais turistas e consumidores, com maior impacto nas produções da economia local, e contribui para o efeito de economias de escala nas produções desses territórios.

O eixo Cidadania, saúde e bem-estar junta seis artigos que, com recurso ao estudo de casos, advogam o diagnóstico precoce, quer de doenças crónicas quer de indícios de violação de direitos laborais ou outros. Na sociedade existem padrões estereotipados, os quais poderão conduzir a que os seus ícones com maior visibilidade se sintam marginalizados por não corresponderem ao que deles se espera, levando os mesmos a viver em mentira e enganos, quais mecanismos conscientes ou inconscientes de sobrevivência. Logo, aquela metodologia permitirá antecipar a implementação de mecanismos para o tratamento adequado e a prevenção da violência, evitando o escalar daquelas anomalias, contribuindo para uma saúde de qualidade e de bem-estar social.

O eixo Recursos energéticos e sustentabilidade ambiental reflete sobre um conjunto de sete artigos, os quais têm como preocupação central as mudanças climáticas e a eficiência energética. O sol é uma fonte de energia limpa e renovável que tende a substituir a energia gerada com recurso a extração de recursos não renováveis e geradores de emissões de gases de efeito de estufa. Em tese, aquela fonte permite que cada pessoa autogere o seu próprio consumo. Contudo, este hipotético cenário ainda está refém da eficiência da conversão conseguida pelos diferentes fabricantes de painéis fotovoltaicos. Por outro lado, é necessário proteger a identidade do território, valorizando as relações do indivíduo com o meio envolvente físico – paisagem natural – o que levou a que esta seja objeto de um tratados internacionais que a protegem. Esta proteção tem por finalidade estratégica conservar a biodiversidade, evitando o uso ou depósito de materiais não biodegradáveis.

Com a disponibilização deste livro e seus artigos, esperamos que os mesmos gerem inquietude intelectual, mais curiosidade científica e proatividade na procura de satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de todas as fontes de inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, ESCE/IPS, Portugal

SUMÁRIO

SOCIEDADE – CIDADÃO - AMBIENTE

SOCIEDADE, CULTURA E TURISMO

CAPÍTULO 1.....1

THE ECONOMIC CRISIS OF 2008 AND ITS SOCIAL IMPACT IN EUROPE

Célia Maria Taborda da Silva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225901

CAPÍTULO 2..... 15

EL PROYECTO ARQUITECTÓNICO COMO GENERADOR DE UN SISTEMA POLÍTICO (PÚBLICO) DE RELACIONES E INTER-ACCIONES SOCIALES

Carlos Eduardo Burgos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225902

CAPÍTULO 3.....27

PROCESSO DAS INUNDAÇÕES URBANAS NO BAIRRO DO CHAMANCULO “C”, MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Rosalina Inácio Fumo Langa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225903

CAPÍTULO 4..... 36

O PROCESSO DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO EM MUNICÍPIOS DE BAIXA DENSIDADE POPULACIONAL EM PORTUGAL

Celestino Almeida

Deolinda Alberto

Luís Quinta-Nova

Domingos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225904

CAPÍTULO 5.....47

OS PROJETOS CULTURAIS COMO INSTRUMENTO DE URBANICIDADE: O CASO “FALA VILA”

Lucas Silva Pamio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225905

CAPÍTULO 6..... 61

SOCIEDADE CIVIL, REDES E MOVIMENTOS SOCIAIS: POLÍTICAS PÚBLICAS E AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Marcelino de Souza Lima
Timothy Leonard Koehnen

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225906

CAPÍTULO 7..... 80

RESORTS BRASILEIROS: CENÁRIO DO DESEMPENHO DAS VENDAS ENTRE 2017 E 2018, SEGMENTADOS POR AMBIENTE GEOGRÁFICO

Antonio Carlos Bonfato
Gabriel Furlan Coletti
Victor Ragazzi Issac

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225907

CAPÍTULO 8.....102

EVENTUALES EFECTOS DEL DESARROLLO TURÍSTICO EN COMUNIDADES: EL CASO DE DOS MANGAS EN LA PROVINCIA DE SANTA ELENA

Jhony Yumisaca Tuquinga
Silvia Zulema Plaza Hidalgo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225908

CIDADANIA, SAÚDE E BEM-ESTAR

CAPÍTULO 9..... 119

YA SE VEÍA VENIR, PERO AUN ASÍ LE HICIERON CASO A ESTE VIEJO CONOCIDO: CONSIDERACIONES TRANSTEXTUALES DEL CORONAVIRUS COMO PROCESO DE SOLEDAD, TRANSFORMACIÓN Y VUELTA AL SENTIR DE LA EXISTENCIA

Bairon Jaramillo Valencia
Samantha Castaño Sepúlveda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2905225909

CAPÍTULO 10..... 131

MARILYN MONROE – A TRAGÉDIA POR TRÁS DO ESTRELATO

Salomé Mouta
Isabel Fonseca Vaz
Sara Freitas Ramos

Bianca Jesus
João Martins Correia
Diana Cruz e Sousa
Sílvia Fontes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259010

CAPÍTULO 11..... 141

O TUDOR QUE FICOU POR NASCER! – MARIA TUDOR E AS SUAS GESTAÇÕES FANTASMA

Isabel Fonseca Vaz
Diana Cruz e Sousa
Sara Freitas Ramos
Bianca Jesus
João Martins Correia
Salomé Mouta
Sílvia Castro
Ana Marinho Soares

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259011

CAPÍTULO 12..... 150

POR QUE MENTIMOS? - A MENTIRA NA PSICOPATOLOGIA

Rafaela Nunes Farinha
Melissa Alfafar Marques
Filipa Tavares Pontes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259012

CAPÍTULO 13..... 157

IMPORTANCIA DE LA VALORACIÓN HOLÍSTICA DE LAS ARTICULACIONES TEMPOROMANDIBULARES EN PACIENTES CON ARTRITIS REUMATOIDE

Karen Vanesa Rhys
Carla Andrea Gobbi
Beatriz Busamia
María Elena Castrillón
Carolina Paulazo
Matías Moron
Eduardo Albiero
Paula Alba

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259013

CAPÍTULO 14.....167

ESTUDIO CUALITATIVO DE LAS ESTRATEGIAS DE AFRONTAMIENTO: HACIA UN MODELO DE AFRONTAMIENTO CREATIVO, REACTIVO Y PROTECTIVO

Lautaro Cirami

Liliana Edith Ferrari

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259014

RECURSOS ENERGÉTICOS E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

CAPÍTULO 15.....179

INVESTIGACIÓN Y APLICACIÓN DE ENERGÍAS LIMPIAS A TRAVÉS DE ENERGÍA SOLAR EN LA CIUDAD DE NEIVA

Ana Lucia Paque Salazar

Arnold Ferney Torres Ome

Camilo Rojas Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259015

CAPÍTULO 16.....187

COSTOS DE ABATIMIENTO DEL CAMBIO CLIMÁTICO Y EXTRACCIÓN DE RECURSOS NO RENOVABLES EN EL PERÚ

Edelina Coayla

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259016

CAPÍTULO 17.....198

LA APLICACIÓN DEL CONVENIO EUROPEO DEL PAISAJE A LA PLANIFICACIÓN DE LOS ESPACIOS NATURALES PROTEGIDOS ANDALUCES

José David Albarrán Periañez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259017

CAPÍTULO 18.....208

PAISAJE RIBEREÑO, APROPIACIÓN E IDENTIDAD

Cecilia Craig

Nora Pastor

Sandra Ursino

Dante Barbero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259018

CAPÍTULO 19218

UNA HERRAMIENTA PRÁCTICA PARA LA EVALUACIÓN DE LA HUELLA HÍDRICA EN GRANJAS DE PRODUCCIÓN DE LECHE DE LA REGIÓN PAMPEANA ARGENTINA

Gustavo Daniel Gimenez

Pablo Roberto Marini

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259019

CAPÍTULO 20230

FLORA PRELIMINAR DA FLORESTA CILIAR DO RIO MOGI GUAÇU NA GUARNIÇÃO DA AERONÁUTICA DE PIRASSUNUNGA (SÃO PAULO, BRASIL)

Renata Sebastiani

Ana Lúcia Batista Botelho Laschi

Emmanuély Maria de Souza Fernandes

Israel Henrique Buttner Queiroz

João Victor Urbano

José Victor da Silva

Luis Felipe Mendes

Pedro Henrique Godoy Fernandes

Ricardo Vinícius Zandonadi

Silvana Barros Silva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259020

CAPÍTULO 21242

USO Y ABUSO DEL PLASTICO Y UNICEL EN ODONTOLOGÍA LA UAO/UAZ

Jesús Rivas Gutiérrez

José Ricardo Gómez Bañuelos

Nubia Maricela Chávez Lamas

María del Carmen Gracia Cortes

Guadalupe Rodríguez Elizondo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29052259021

SOBRE OS ORGANIZADORES258

ÍNDICE REMISSIVO259

CAPÍTULO 14

ESTUDIO CUALITATIVO DE LAS ESTRATEGIAS DE AFRONTAMIENTO: HACIA UN MODELO DE AFRONTAMIENTO CREATIVO, REACTIVO Y PROTECTIVO

Data de submissão: 12/02/2022

Data de aceite: 04/03/2022

Lautaro Cirami

Lic. en Psicología

Instituto de Investigaciones de la

Facultad de Psicología de la

Universidad de Buenos Aires

<https://orcid.org/0000-0003-3886-5221>

Liliana Edith Ferrari

Dra. en Psicología

Instituto de Investigaciones de la

Facultad de Psicología de la

Universidad de Buenos Aires, Argentina

<https://orcid.org/0000-0002-4611-8923>

RESUMEN: Los estudios sobre afrontamiento en estrés y violencia en el trabajo son numerosos, no obstante, redundan en la clasificación de las estrategias de afrontamiento y su relación con sintomatología, dejando de lado el estudio del proceso de afrontamiento en detalle. A partir de la revisión de la literatura especializada, son escasos los estudios que trabajan el afrontamiento de la violencia laboral desde una perspectiva psicosocial y que tenga en cuenta diferentes procesos más allá de una clasificación de estilos. Por lo tanto, el objetivo

del presente artículo consiste explorar las estrategias de afrontamiento que despliegan los trabajadores frente a situaciones de violencia teniendo en cuenta: 1) Víctimas y testigos, 2) procesos creativos y funcionales, y 3) utilizando una metodología cualitativa. En este trabajo se utiliza una metodología cualitativa mediante análisis del discurso. El análisis se realizó sobre la información relevada en dos entrevistas administradas a dos trabajadores de Ciudad de Buenos Aires y Gran Buenos Aires. A partir de las unidades de significado emergen tres dimensiones para describir las distintas categorías extraídas en el análisis. En cada dimensión se diferencian dos categorías polarizadas que pueden entenderse también como un continuo: 1) Afrontamiento de Acatamiento/Creativo, 2) Afrontamiento Pasivo/Activo, y 3) Afrontamiento Instrumental/Resiliente. A partir de lo trabajado en este estudio, se complejiza el abordaje del estudio del afrontamiento más allá de las clasificaciones tradicionales. Además, si se interpretan los resultados cualitativos y se discuten con hallazgos cuantitativos previos, se llegan a conclusiones similares en tanto el carácter adaptativo y funcional de cada estrategia de afrontamiento se asocia a la flexibilidad, el aprendizaje y sus resultados al mediano y largo plazo.

PALABRAS CLAVE: Violencia Laboral. Estrategias de Afrontamiento. Metodología Cualitativa. Salud laboral. Factores de Riesgo Psicosocial.

QUALITATIVE STUDY OF COPING STRATEGIES: TOWARDS A CREATIVE, REACTIVE AND PROTECTIVE COPING MODEL

ABSTRACT: Studies on coping with stress or violence at work are numerous, however, they result in the classification of coping strategies and their relationship with symptomatology, leaving aside the study of the coping process in detail. From the review of the specialized literature, there are few studies that work on coping with workplace violence from a psychosocial perspective and that take into account different processes beyond a classification of styles. Therefore, the objective of this article is to explore the coping strategies deployed by workers in situations of violence, taking into account: 1) Victims and witnesses, 2) creative and functional processes, and 3) using a qualitative methodology. In this work, a qualitative methodology is used through discourse analysis. The analysis was carried out on the information collected in two interviews administered to two workers from the City of Buenos Aires and Greater Buenos Aires. Three dimensions emerge from the units of meaning to describe the different categories extracted in the analysis. In each dimension, two polarized categories are differentiated that can also be understood as a continuum: 1) Compliance/Creative Coping, 2) Passive/Active Coping, and 3) Instrumental/Resilient Coping. From what has been worked on in this study, the approach to the study of coping becomes more complex beyond traditional classifications. In addition, if the qualitative results are interpreted and discussed with previous quantitative findings, similar conclusions are reached insofar as the adaptive and functional nature of each coping strategy is associated with flexibility, learning and its results in the medium and long term.

KEYWORDS: Violence at Work. Coping Strategies. Qualitative Methodology. *Occupational Health. Psychosocial Risk Factors.*

1 INTRODUCCIÓN

La violencia en el trabajo es una problemática percibida y vivida por los trabajadores en las organizaciones (Cebeý & Ferrari, 2016). La misma se caracteriza por comportamientos establecidos en las relaciones de trabajo y que comprenden conductas de hostilidad, aislamiento, amenazas, agresiones físicas o verbales u hostigamiento (Cebeý & Trotta, 2011). Más allá de las distintas clasificaciones y modos de configuración de la violencia (Ferrari et al., 2015), los escenarios de violencia implican la interacción de varios actores: La víctima y el hostigador, así como también testigos directos, oyentes y/o cómplices que intervienen en esta dinámica puesto que habilitan, reproducen o sufren la escena desde otro lugar de exposición (Cirami et al., 2020; Lutgen-Sandvik et al., 2007; Lutgen-Sandvik & McDermott, 2008).

Frente a estas situaciones de riesgo y de violencia, los trabajadores utilizan distintas estrategias de afrontamiento para lidiar estos escenarios desfavorables. Estas estrategias son respuestas fisiológicas, emocionales, conductuales y cognitivas (Lazarus & Folkman, 1984), así como también pueden implicar comportamientos sociales (Cox et

al., 2014). En este sentido, el afrontamiento puede ser comprendido a partir de diferentes niveles de análisis: celular, fisiológico, psicológico y psicosocial (Cirami & Cebey, 2022). Es en los niveles psicológico y psicosocial en donde se ponen en juego aspectos cognitivos y relacionales a partir de la valoración primaria y secundaria en donde se evalúa el grado de amenaza y la disponibilidad de recursos respectivamente. En esta dirección, las condiciones de trabajo, las demandas y el control sobre el mismo, el apoyo social y las relaciones, así como la configuración del liderazgo y el clima son factores psicosociales que intervienen en el empleo de estas estrategias de afrontamiento (Ferrari et al., 2013, 2015; Ferrari et al., 2016; Pujol-Cols & Arraigada, 2017).

Se realizaron varias revisiones de la literatura respecto del afrontamiento en situaciones de violencia (Cirami et al., 2020; Cirami & Cebey, 2022; Cirami & Ferrari, 2019). Si bien, los estudios sobre afrontamiento en estrés o violencia en el trabajo son numerosos, en general redundan en la clasificación de las estrategias de afrontamiento y su relación con sintomatología, dejando de lado el estudio del proceso de afrontamiento en detalle (Cirami, 2013; Cirami & Cebey, 2022). Los estudios clásicos, enfocados en el afrontamiento del estrés, coinciden en la clasificación del afrontamiento según estén centrados en el problema, en la emoción, o bien, que presenten evitación cognitiva y/o conductual (Carver & Connor-Smith, 2010; Lazarus & Folkman, 1984; Nielsen & Knardahl, 2014). Según estos estudios, el uso del afrontamiento evitativo se presenta como un mantenedor del estrés y un agravante en su sintomatología, mientras que las estrategias emocionales y resolutivas se caracterizan por ser funcionales. Sin embargo, no existen estrategias de afrontamiento más aptas que otras a priori, sino que su valor adaptativo y funcional dependerá del contexto y la situación (Meichenbaum, 1987).

Por ejemplo, en situaciones de violencia doméstica, el afrontamiento activo puede comprometer la seguridad de la víctima (Lewis et al., 2006). En este sentido, Hershcovis (2017) estudio la violencia en contexto laboral y sus resultados sostienen que tanto la confrontación como la evitación, no son funcionales en esta situación. El afrontamiento activo o centrado en el problema sería recomendado sólo si está orientado a las relaciones sociales. Estos hallazgos convergen con la línea de investigación de la perspectiva de factores psicosociales (Cebey & Ferrari, 2016; Cebey & Ferrari, 2016; Cirami & Cebey, 2022) en donde uno de los focos de atención está puesto en las relaciones sociales y se configuran las mismas en la organización. Otros estudios llegan a conclusiones similares estudiando situaciones de violencia en personal hospitalario (Jeong & Kim, 2017), teniendo en cuenta el apoyo social (Parzefall & Salin, 2010), así como también teniendo en cuenta distintas modalidades de violencia (Lee & Brotheridge, 2006).

Como se mencionó en párrafos anteriores, el estudio de las estrategias de afrontamiento, generalmente se basan en la clasificación y la búsqueda de estilos funcionales (Carver & Connor-Smith, 2010), no obstante, el modelo teórico de Congruencia de Recursos de afrontamiento (Resource-Congruence Model) (Wong et al., 2006) comprende procesos más complejos. Este modelo consiste en el análisis de tres instancias:

- 1) Afrontamiento creativo: frente a una situación de tensión y estrés, la persona despliega acciones y cogniciones singulares a partir de distintos recursos psicológicos, intelectuales, espirituales, entre otros. Lo interesante de esta instancia es que las estrategias pueden adoptar distintas configuraciones, más allá de las evaluadas en las escalas clásicas de afrontamiento.
- 2) Afrontamiento reactivo: este consiste en que la estrategia puesta en práctica sea apropiada para la situación y el marco cultural. Es decir, que los recursos de afrontamiento deben ser congruentes con la situación y las expectativas socio-culturales.
- 3) Afrontamiento protectorio: la efectividad de este modelo no implica afrontamientos “sanos” o “patológicos”, ni “buenos” o “malos”, sino que sean funcionales a la situación. Así, al evaluar las estrategias de afrontamiento, es necesario evaluar el contexto cultural y situacional. Este enfoque es un área de vacancia en el estudio de afrontamiento, por lo tanto, en presente trabajo tiene como objetivo indagar sobre el modelo de congruencia de recursos para un afrontamiento activo desde una perspectiva cualitativa.

A partir de la revisión de la literatura especializada, son escasos los estudios que trabajan el afrontamiento de la violencia laboral desde una perspectiva psicosocial y que tenga en cuenta diferentes procesos más allá de una clasificación de estilos. Por lo tanto, el objetivo del presente artículo consiste explorar las estrategias de afrontamiento que despliegan los trabajadores frente a situaciones de violencia teniendo en cuenta: 1) Víctimas y testigos, 2) procesos creativos y funcionales, y 3) utilizando una metodología cualitativa.

2 METODOLOGÍA

En este trabajo se utiliza una metodología cualitativa mediante análisis del discurso (Hernandez Sampieri et al., 2010; Vázquez Sixto, 1996). El análisis se realizó sobre la información relevada en dos entrevistas administradas a dos trabajadores de Ciudad de Buenos Aires y Gran Buenos Aires.

El análisis consistió en cuatro fases según la recomendación de la bibliografía: 1) Lectura y familiarización de las entrevistas, 2) Codificación de unidades de registro de

significado, 3) Categorización a priori y 4) Categorización y discusión teórica a partir de la bibliografía relevada (Vázquez Sixto, 1996).

2.1 DESCRIPCIÓN DE LAS ENTREVISTADAS

La primera entrevistada (E1 a partir de ahora) es una trabajadora de 19 años de una organización del sector público de aproximadamente 200 trabajadores. Tiene un contrato estable y permanente en tareas administrativas sin personal a cargo.

La segunda entrevistada (E2 a partir de ahora) es una trabajadora de 33 años del sector privado de aproximadamente 15 trabajadores. Tiene un contrato estable y permanente en tareas administrativas con personal a cargo.

Las entrevistas se caracterizaron por ser semiestructuradas de una duración de entre 45 y 60 minutos. Las mismas fueron grabadas y transcritas con el consentimiento informado de las participantes.

3 ANÁLISIS Y RESULTADOS

Del análisis de las entrevistas se hallaron dos temas referidos a la 1) violencia en el trabajo y 2) el afrontamiento este tipo de situaciones. A continuación, se describirán cada uno de estos cuatro temas presentando y definiendo las categorías emergentes del discurso y las unidades de registro más significativas junto con fragmentos rescatados de las entrevistas.

3.1 VÍCTIMAS Y TESTIGOS: POSICIONAMIENTO FRENTE A LOS ESCENARIOS DE VIOLENCIA

En cada una de las entrevistas se dio lugar para indagar el posicionamiento que cada entrevistada daba respecto de situaciones de violencia y los modos de significar su lugar dentro de este escenario hostil. E1 enumera algunas situaciones de violencia, ya sea como testigo:

Yo he visto que otros compañeros los han tratado mal. A mí por suerte nunca me pasó pero a una compañera sí.

O bien, explicitando aspectos relacionales y de descalificación que están naturalizados en la organización que ella vive como protagonista:

Lo que pasa es que en mi trabajo (...) tiene otras reglas aparte. Hay una específica que es que te pueden hablar energéticamente, o sea, te gritan pero está justificado. (...) Siempre tratan de hacerte saber que tienen más grado que vos.

E1 no se posiciona como víctima, no obstante, la violencia la afecta directamente puesto que son comportamientos establecidos y naturalizados en las relaciones de trabajo. E2 relata otras situaciones de violencia en su experiencia laboral. Se pueden mencionar a modo de ejemplo algunas de ellas. En la primera, hay falta de claridad de rol y descalificación:

Me entero que en realidad mi función como recepcionista era hacerle de secretaria a ella, pero nunca nadie me lo había dicho.

Además, E2 señala aspectos naturalizados en la configuración de las relaciones de trabajo refiriéndose a la persona con cargo más alto en la organización:

Se le tenía mucho miedo a ese hombre, mucho miedo.

Además, relata una situación de violencia bajo la modalidad de acoso sexual:

Cuando fue lo del abogado que, un día estaba borracho en la oficina, yo estaba cerrándola, no me di cuenta que él estaba todavía ahí, me llama al interno totalmente ebrio (...) me doy vuelta, voy a la cocina y de golpe lo tenía acá atrás, me tocó, horrible.

E2, se posiciona como víctima de varias situaciones de violencia a lo largo de su trayectoria laboral. Puede reconocer con mayor precisión a las mismas que E1. Sin embargo, tanto E1 como E2 presentan sintomatología asociada al malestar en el trabajo. Los significados atribuidos a las situaciones a su propio lugar en cada situación generan modos diferentes de vivir la violencia en el trabajo. En esta dirección, emerge se pueden señalar dos categorías:

- 1) Víctima de situaciones de violencia: En este, la trabajadora se posiciona como blanco del acoso y de las agresiones y tiene mayor claridad para reconocer y describir lo que sucede, además de reportar sintomatología asociada al trabajo.
- 2) Testigo de situaciones de violencia: En esta categoría se enmarca la atribución de significado más vaga sobre lo que sucede en contextos de acoso, aunque sí hay reconocimiento de displacer y malestar, así como también sintomatología.

3.2 DESPLIEGUE DE ESTRATEGIAS PARA AFRONTAR LAS SITUACIONES DE VIOLENCIA

Al indagar sobre cuáles eran las respuestas en este tipo de situaciones, las entrevistadas presentaron diversas estrategias. E1 sugiere respuestas que respondan a las exigencias del ambiente de trabajo en tanto intenta adaptarse a lo que le piden y a acomodarse dentro de esta dinámica hostil y violenta establecida en la organización. Por ejemplo, cuando le gritaron para llamarle la atención ella respondió de la siguiente manera:

Le pido disculpas, me presento de nuevo, y sigo la conversación, le pregunto qué necesita.

En otra situación similar, respondió nuevamente acomodándose a la dinámica:

Trato de... como pasarlo, más o menos como que lo naturalizamos ahí, porque no queda otra.

También hace referencia a la búsqueda de apoyo social:

Tengo una compañera que sabe todo, todas las leyes, todo de ahí. Entonces le pregunto a ella y ella como que me va guiando y hago el trabajo. Así que ella es básicamente la luz de todos.

Así como también a ofrecerse como apoyo de compañeros en situaciones de violencia, aunque sin margen para actuar más allá de hacerse presente:

Trato de apoyarlo a él, darle apoyo; pero no se me ocurre otra cosa más que eso, porque...

En otra dirección, E2 muestra otros tipos de afrontamiento que pudo desplegar en situaciones en las que vivenció acoso laboral. En primer lugar, muestra una carga emocional exacerbada y un componente evitativo. Sin embargo, en segundo lugar consigue generar una frontamiento activo a partir del aprendizaje:

Cuando me puteaban, o me trataban mal, o me trataban de inepta me daba mucha furia y después mucha angustia porque yo tenía algo personal que no podía confrontarlos. Hasta que un día los confronté y me fui, pero fue un proceso largo, duro, complejo.

Siguiendo con la carga emocional, E2 presenta emociones intensas pero con flexibilidad. No deja de sentir displacer y de idear respuestas reactivas, no obstante, puede defusionarse de estos pensamientos y actuar de otra manera:

Esto se los voy a devolver, y mis compañeros “no, estás loca, agarrálo” la verdad que no me gustó nada la situación, pero bueno, después como que seguí la corriente del grupo.

Además, se sirve del apoyo social de un modo eficiente haciendo valer la escucha por parte de los demás, espacios extra-laborales para socializar y desahogarse, así como también el uso del humor:

Los chicos me hacían el aguante “che, que no te grite así, que no te hable así, no está bueno que te hable así” yo pensaba que le hablaba así a todo el mundo, me hicieron dar cuenta que no es así. (...) Nos juntábamos a tomar una cerveza después del trabajo, íbamos a comer (...) Descargábamos todo. (...) Armamos un grupo de whatsapp, que pusimos, una foto parodiando a mi jefe era igual con un nombre gracioso.

Por último, tanto E1 como E2 muestran procesos de aprendizaje en lo que refiere al afrontamiento, aunque con ciertas diferencias. Como se mencionó en fragmentos

recuperados previos, E1, genera una línea de respuestas y aprendizajes referidos al acatamiento, la pasividad y el carácter instrumental para acomodarse a las situaciones. En un momento de la entrevista, emergen comentarios sobre el carácter necesario para lidiar con el día a día de su organización, aunque no para su vida en general:

El carácter, la forma en que me organizo diferente. Aprendí un montón (...) el carácter solamente me sirve para estar ahí, y después yo no creo que lo necesite.

En este sentido, pareciera que E1 genero aprendizajes instrumentales y ancladas en situaciones particulares. Es decir, que sólo genero desarrollo sobre habilidades contextualizadas.

En cambio, E2 presenta un aprendizaje anclado en los procesos y con capacidad de descontextualización:

Sí, hoy me le paro a la gente enfrente, aprendí a confrontar, aprendí a decir las cosas cuando las tengo que decir, cuando algo no me parece lo digo, no pierdo los modales, porque eso es algo que jamás pierdo de vista, pero sí aprendí a hablar y... porque antes era "si le digo algo que no le gusta por ahí me echa".

A partir de todas estas unidades de significado emergen tres dimensiones para describir las distintas categorías extraídas en el análisis. En cada dimensión se diferencian dos categorías polarizadas que pueden entenderse también como un continuo:

- 1) Afrontamiento de Acatamiento/Creativo: Esta primera instancia comprende dos modalidades diferenciadas entre E1 y E2 en donde la primera suele acomodarse a las situaciones según las normas de la organización mientras que la segunda intenta generar aprendizajes, flexibilidad y la puesta en marcha de un repertorio más amplio para distintas situaciones. El acatamiento pareciera tener una característica de acomodación mientras que el afrontamiento creativo se caracteriza particularmente por la flexibilidad cognitiva y conductual.
- 2) Afrontamiento Pasivo/Activo: En este caso, también se generan patrones en E1 y E2 muy distintos, no obstante, se reconoce un aspecto reactivo del afrontamiento. En esta dimensión se pueden identificar las estrategias más relevadas por la literatura: Centradas en el problema, en la emoción y las evitativas. De este modo se genera un continuo entre la polaridad "pasivo-activo" en donde algunas estrategias se acercan a la confrontación y resolución y otras tienden a la evitación. Además, en este continuo se presentan aquellas estrategias sociales de apoyo, tanto instrumental, como emocional. En las entrevistas, E1 pareciera utilizar con mayor frecuencia estrategias evitativas y poco confrontativas, incluso al servir y servirse

respecto del apoyo social. En E2, a partir de la capitalización de procesos y el aprendizaje en la trayectoria laboral, el afrontamiento tiene un repertorio más amplio y flexible (como se dijo anteriormente), pero particularmente, orientado a la resolución y confrontación.

- 3) Afrontamiento Instrumental/Resiliente: En esta polaridad, se repiten nuevamente patrones en E1 y E2 como se dijo anteriormente. En E1, el objetivo del despliegue de estrategias de afrontamiento es instrumental y contextualizado, mientras que el de E2 tiende a la resiliencia. Es decir, que E2 presenta un afrontamiento que podría generar beneficios al mediano y largo plazo en tanto implican el aprendizaje y la descontextualización como característica.

En síntesis, la primera dimensión pretende identificar la singularidad y el grado de creatividad del uso de las estrategias. La segunda dimensión, el estilo de afrontamiento que se pone en juego. Mientras que la tercera dimensión describe el grado de protección a mediano plazo. En el apartado siguiente se discutirán estas categorías a la luz del modelo de Congruencia de Recursos de Wong et al. (2006).

4 DISCUSIÓN

A partir de las entrevistas, se pudieron identificar aspectos relacionados con el posicionamiento respecto de las situaciones de violencia dejando en evidencia lo difícil que resulta ocupar el lugar de víctima, así como también de testigos. En el caso de la E1, su posición de testigo genera displacer, sintomatología y estrés, aún cuando ella no se autotipifica como víctima. En esta dirección, los testigos precisan de especial atención, no sólo por su rol de habilitantes, moderadores o cómplices, sino porque este posicionamiento también implica un grado alto de exposición a la violencia y por tanto a verse comprometida la salud física y psicológica (Namie & Sandvik, 2010; Salin & Notelaers, 2020). En trabajos anteriores, esta problemática fue estudiada a la luz de que una de las principales diferencias entre víctima y testigo reside en la percepción de daño y de las expectativas de la situación (Cirami et al., 2020; Cirami & Ferrari, 2019).

En cuanto al afrontamiento, pudieron identificarse dimensiones complejas respecto del afrontamiento en tanto se visibilizaron, más allá de los clásicos estilos señalados por la literatura (Carver & Connor-Smith, 2010), procesos que refieren a la presencia/ausencia de creatividad y flexibilidad del afrontamiento, así como también su funcionalidad y descontextualización. De este modo, se pueden discutir las dimensiones y categorías obtenidas desde el modelo teórico de congruencia de recursos (Wong et al., 2006) en

donde se despliega el afrontamiento en tres instancias que pueden corresponderse con las tres dimensiones generadas en el análisis: 1) Afrontamiento Creativo (creatividad y flexibilidad), 2) Afrontamiento Reactivo (resolutivo, emocional o evitativo), y 3) Afronamiento Protectivo (qué tan funcional es respecto de la situación).

Entonces, a partir de lo trabajado en este estudio, se complejiza el abordaje del estudio del afrontamiento más allá de las clasificaciones tradicionales. Además, si se interpretan los resultados cualitativos y se discuten con hallazgos cuantitativos previos (Cirami et al., 2021; Cirami & Ferrari, 2019), se llegan a conclusiones similares en tanto el carácter adaptativo y funcional de cada estrategia de afrontamiento se asocia a la flexibilidad, el aprendizaje y sus resultados al mediano y largo plazo.

Las limitaciones de estudio consisten en primer lugar en su diseño metodológico. Al ser un estudio cualitativo se restringe la capacidad explicativa y predictiva de las conclusiones. Además, se cuenta con una cantidad de entrevistas acotada por lo que no hay saturación de las categorías (Hernandez Sampieri et al., 2010; Vázquez Sixto, 1996). En segundo lugar, sólo se hizo foco en el proceso de afrontamiento sin analizar aspectos socio-laborales-organizacionales. Hay variables que refieren a las trayectorias laborales que no fueron estimadas para el análisis (Cirami & Ferrari, 2018). En esta dirección, la flexibilidad y aprendizaje pueden estar incidiendo en la percepción y la atribución de significado de las vivencias de violencia laboral en el trabajo.

5 CONCLUSIÓN

La utilización del enfoque cualitativo habilitó la posibilidad de indagar sobre: 1) La atención en la creatividad para el desarrollo de estrategias de afrontamiento por sobre la estrategia en sí misma, y 2) La concepción de la efectividad a partir de respuesta flexible y descontextualizada. Las categorías emergentes a priori, en síntesis, con el modelo de Congruencia de recursos permitieron un entendimiento más exhaustivo acerca de cómo desarrolla y despliegan las estrategias de afrontamiento los trabajadores que han sido víctimas y/o testigos de violencia en el trabajo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and Coping. *Ssrn*. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych.093008.100352>.

Cebey, M. C., & Ferrari, L. E. (2016). *Significaciones Atribuidas a La Violencia Laboral*.

Cebey, M., & Ferrari, L. (2016). Violencia Laboral En Organizaciones Públicas Y Privadas: Percepciones Y Significaciones. *Anuario de Investigaciones*, 23(2).

Cirami, L. (2013). Un Abordaje Posible Al Estudio De Las Emociones: Una Mirada Social E Interfuncional. *V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional En Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores En Psicología Del MERCOSUR.*, 4. <https://www.aacademica.org/000-054/561%0AActa>.

Cirami, L., & Cebey, M. C. (2022). Estrategias de afrontamiento: modelos explicativos, evaluación y aproximación a su participación en la modulación de los factores psicosociales en el trabajo. In Liliana Ferrari (Ed.), *Estrategias de afrontamiento: modelos explicativos, evaluación y aproximación a su participación en la modulación de los factores psicosociales en el trabajo*. Florencio Varela: Universidad Nacional Arturo Jauretche. https://books.google.com.co/books?id=MgB8DQAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=calidad+de+vida+laboral&hl=es&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=calidaddevidalaboral&f=false.

Cirami, L., Córdoba, E., & Ferrari, L. (2021). Estrategias de afrontamiento del estrés laboral en trabajadores de la salud y reflexiones acerca de las transformaciones organizacionales a partir de la pandemia de COVID-19. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 24(2), 118-132(2020)., 24, 118–132.

Cirami, L., & Ferrari, L. E. (2018). ¿Cómo Investigar Las Trayectorias Laborales? Revisión Bibliográfica Sistemática Y Análisis De Los Principales Enfoques Teórico- Metodológicos. *Anuario de Investigaciones*, XXV, 35–41.

Cirami, L., & Ferrari, L. E. (2019). *Estrategias De Afrontamiento Y Modalidades De Violencia En El Trabajo: Resultados Preliminares De Un Estudio Desde Una Perspectiva Psicosocial*. 313–319.

Cirami, L., Yaket, L., & Ferrari, L. (2020). *Aproximación teórica a las estrategias de afrontamiento y el rol de los testigos en situaciones de violencia laboral*.

Cox, C. B., Johnson, J., & Coyle, T. (2014). Coping styles moderate the relationships between exposure to community violence and work-related outcomes. *Journal of Occupational Health Psychology*, 20(3), 348–358. <https://doi.org/10.1037/a0038556>.

Ferrari, L., Filippi, G., Cebey, M., Córdoba, E., & Napoli, M. (2013). *VARIABLES SOCIO-ORGANIZACIONALES Y SOCIODEMOGRÁFICAS DE ALTO IMPACTO SOCIO-ORGANIZACIONAL AND SOCIO-DEMOGRAPHICAL VARIABLES*.

Ferrari, L., Filippi, G., Córdoba, E., Cebey, M., Napoli, M., & Trotta, M. (2015). Cuestionario de Estilos, Modalidades y tipos de Acoso Laboral (CEMTAL). *Anuario de Psicología*, 22(1), 61–70.

Ferrari, Liliana, Filippi, E., C., Cebey, M., Napoli, M., Trotta, M., Bordalejo, M., & Furman, J. (2016). (Cefap): *Estructura Y Propiedades Psicométricas*. 67–75.

Hernandez Sampieri, R., Fernandez Collado, C., & Baptista Lucio, M. del P. (2010). *Metodología de la investigación*.

Hershcovis, S. (2017). *The Effects of Confrontation and Avoidance Coping in Response to Workplace Incivility*. July. <https://doi.org/10.1037/ocp0000078>.

Jeong, I., & Kim, J. (2017). *The Relationship between Intention to Leave the Hospital and Coping Methods of Emergency Nurses after Workplace Violence*. 0–2. <https://doi.org/10.1111/ijlh.12426>.

Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). Stress, appraisal, and coping. In *ش.ش.زو ب.ط*. Springer publishing company.

Lee, R., & Brotheridge, C. (2006). When prey turns predatory: Workplace bullying as a predictor of counteraggression/bullying, coping, and well-being. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 15(3), 352–377. <https://doi.org/10.1080/13594320600636531>.

Lewis, C. S., Griffing, S., Chu, M., Jospitre, T., Sage, R. E., Madry, L., & Primm, B. J. (2006). Coping and violence exposure as predictors of psychological functioning in domestic violence survivors. *Violence Against Women*, 12(4), 340–354. <https://doi.org/10.1177/1077801206287285>.

Lutgen-Sandvik, P., & McDermott, V. (2008). The constitution of employee-abusive organizations: A communication flows theory. *Communication Theory*, 18(2), 304–333. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2008.00324.x>.

Lutgen-Sandvik, P., Tracy, S. J., & Alberts, J. K. (2007). Burned by bullying in the American workplace: Prevalence, perception, degree and impact. *Journal of Management Studies*, 44(6), 837–862. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2007.00715.x>.

Meichenbaum, D. (1987). *Psicología cognitiva Manual de inoculación de estrés*. Martinez Roca. <http://www.psyciencia.com/wp-content/uploads/2012/12/Manual-de-inoculacion-de-estresocr.pdf>.

Namie, G., & Sandvik, P. E. L. (2010). Active and Passive Accomplices: The Communal Character of Workplace Bullying. *International Journal of Communication*, 4(0), 31.

Nielsen, M. B., & Knardahl, S. (2014). Coping strategies: A prospective study of patterns, stability, and relationships with psychological distress. *Scandinavian Journal of Psychology*, 55(2), 142–150. <https://doi.org/10.1111/sjop.12103>.

Parzefall, M. R., & Salin, D. M. (2010). Perceptions of and reactions to workplace bullying: A social exchange perspective. *Human Relations*, 63(6), 761–780. <https://doi.org/10.1177/0018726709345043>.

Pujol-Cols, L., & Arraigada, M. (2017). Psychometric properties of the Copsoq-Istas psychosocial risk questionnaire 21 in Argentinian university teachers. *Cuadernos de Administracion*, 30(55), 97–125. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cao30-55.ppcr>

Salin, D., & Notelaers, G. (2020). The effects of workplace bullying on witnesses: violation of the psychological contract as an explanatory mechanism? *International Journal of Human Resource Management*, 31(18), 2319–2339. <https://doi.org/10.1080/09585192.2018.1443964>

Vázquez Sixto, F. (1996). El análisis de contenido temático. *Objetivos y Medios En La Investigación Psicosocial. (Documento de Trabajo)*, 47–70.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge José Martins Rodrigues é economista. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL). Mestre e pós doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. É investigador integrado no Instituto Jurídico Portucalense. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), Portugal. Membro efetivo do CICE/IPS – Centro Interdisciplinar em Ciências Empresariais da ESCE/IPS. Membro e Chairman (desde 2019 da ISO-TC260 HRM Portugal. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesses.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actor-red 15, 24

Agencia 15, 22, 65, 73, 133, 134, 218, 228

Agricultura familiar 61, 63, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Ambiente 21, 27, 34, 36, 39, 43, 67, 69, 77, 80, 83, 84, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 101, 104, 115, 116, 133, 136, 147, 172, 182, 183, 184, 185, 189, 197, 201, 208, 215, 216, 219, 232, 240, 241, 242, 243, 244, 248, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257

Andalucía 198, 201, 202, 203, 206, 207

Área ribereña 209

Arquitectura 15, 22, 24, 25, 204, 216

Articulaciones temporomandibulares 157, 159, 161, 165, 166

Artritis reumatoide 157, 158, 159, 160, 165, 166

B

Brasil 13, 34, 35, 51, 59, 60, 61, 77, 79, 81, 82, 84, 86, 96, 97, 99, 100, 101, 210, 230, 233, 234, 240

C

Celda solar 179, 184

Citizenship 1, 2, 12

Contaminación 108, 188, 220, 221, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 254, 256

Contestation 1

Convenio Europeo del Paisaje 198, 199, 203, 206

Conversión de energía 179, 180, 181, 183, 184, 185

Coronavirus 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 130

Corrientes turísticas 102, 105, 107

Costos de mitigación 187, 189

Costumbres y tradiciones 102, 104, 108, 110, 111, 114, 116, 117

Crisis 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 117, 122, 210, 215, 219

Cuestionario 112, 157, 159, 166, 177

Cultura 16, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118, 148, 201, 207, 210, 242, 247, 254, 256, 257

D

DAS 28 157, 158, 160, 162
Desenvolvimento local 37, 38, 39, 45
Dioxinas 242, 247, 248, 249, 250, 254

E

Efecto demostración 102, 116
Eficiencia energética 179
Emisiones de gases de efecto invernadero 187, 188, 191, 196, 197
Energía solar 179, 180, 181, 184, 185
Espacios naturales protegidos 198, 201, 202, 203, 205, 206
Estratégia 17, 37, 43, 45, 64, 78, 79, 167, 170, 176, 196, 219, 227
Estrategias de afrontamiento 167, 168, 169, 170, 175, 176, 177
Europe 1, 4, 5, 7, 11, 199
Existencia 48, 115, 119, 122, 124, 126, 129, 142, 147, 198, 202, 225
Extracción de recursos no renovables 187, 189, 195

F

Factores de Riesgo Psicosocial 167
Falsa gravidez 142, 146
Fatores 27, 29, 30, 31, 33, 40, 44, 132, 136, 142, 145, 146, 148, 151
Favela 47, 50, 53, 55, 58, 60
Floresta Estacional Semidecidual 231, 232, 233, 234
Floresta Ripária 231
Florística 231

G

Gestión integral del territorio 198
Gravidez psicológica 142

H

Huella hídrica 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227

I

Identidad 25, 105, 106, 108, 118, 199, 208, 209, 211, 212, 214, 216
Impactos culturales 102

Intensificação 218, 219, 227, 228

Intertextualidade 119

Inundações urbanas 27, 28, 29, 30, 34, 35

L

Lechería 219, 227, 228

Levantamento florístico 231, 232

M

Maria Tudor 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148

Marilyn Monroe 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Mentira patológica 150, 153, 154

Método 15, 19, 30, 44, 48, 58, 100, 135, 189, 203, 220, 250

Metodologia Cualitativa 167, 170

Mitomania 150, 153, 154

Modelo 15, 19, 20, 23, 24, 27, 33, 38, 40, 43, 44, 47, 68, 77, 86, 105, 131, 133, 134, 146, 167, 170, 175, 176, 246

Movimentos sociais 13, 61, 63, 64, 73, 77

P

Paisaje 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 216

Participación local 198

Pertencimento 47, 48, 49, 56, 58

Perturbação de Personalidade Borderline 131, 132, 136, 137, 138, 139

Planeamento 28, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45

Plástico 242, 245, 246, 247, 251, 257

Pluviosidade 27

Políticas públicas 39, 47, 58, 61, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 202, 203

Processo colaborativo 37

Processos 27, 28, 29, 45, 47, 48, 49, 61, 64, 66, 67, 69, 70, 73, 76

Projetos culturais 47, 48, 52, 54, 58

Pseudociese 142, 145, 147, 149

Pseudogestão 142

Pseudologia fantástica 150, 151, 153, 154, 156

R

Radiación 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Receita média 80, 81, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97

Resorts 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101

S

Salud laboral 167

Saúde mental 131, 132, 133, 136, 139, 141

Semiárido 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78

Suicídio 132, 134, 136, 137, 138

Sustentabilidad 219, 228, 229

Sustentabilidade 37, 77, 79

T

Taxa de ocupação 80, 81, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 98

Transformación 119, 122, 123, 129, 201, 205, 211, 224, 254

Transtextualidad 119

TRevPAR 80, 81, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

U

Ultrasonido 157

Unicel 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257

Urbanicidade 47

V

Violencia laboral 167, 170, 176, 177